

O ASTRÁGALO

CAPÍTULO I

O céu tinha-se afastado pelo menos dez metros.

Eu permanecia sentada, sem pressas. O choque devia ter partido as pedras, a minha mão direita tacteava pedaços soltos. À medida que respirava, o silêncio atenuava a explosão de estrelas cujos efeitos crepitavam ainda na minha cabeça. As arestas brancas das pedras iluminavam debilmente a escuridão. A minha mão ergueu-se do solo, passou sobre o meu braço esquerdo, voltou a subir até ao ombro e desceu através das costelas até à bacia: nada. Eu estava intacta, podia continuar.

Pus-me de pé. De nariz bruscamente projectado contra as silvas, estatelada em cruz, lembrei-me de que me faltava verificar também as pernas. Perfurando a noite, vozes sensatas e conhecidas cantarolavam:

— Cuidado, Anne, vais acabar por partir uma pata!

Voltei a sentar-me e recomecei a explorar o corpo. Desta vez, encontrei, ao nível do tornozelo, um inchaço estranho, que aumentava e pulsava sob os meus dedos...

Quando vou à consulta, doutor, para tentar dar parte de doente, e lhe descrevo males imaginários em locais que penso serem inacessíveis; quando tenho de vos levar tisanas à cama, irmãzinhas, sobre os meus pés de caminhante-

-modelo, eu, que invejo as vossas indigestões... Tudo isso acabou: agora vão tratar de mim — vocês ou outros —, tenho a pata partida.

Ergui os olhos para o alto do muro onde esta gente permanecia, adormecida: voei, minhas queridas! Voei, planei e rodopiei durante um segundo longo e bom, um século. E cá estou eu, sentada, liberta daí de cima, liberta de vós.

Ainda esta tarde, estava atulhada de atropina e me injectara benzina nas coxas. Com Rolande em liberdade, eu não tinha vontade nenhuma de ficar à espera que ela me viesse buscar: fazia tudo para que me mandassem para o hospital, onde a colheita seria mais fácil e os dias mais rapidamente pulverizados.

— Mas a Anne está verde! — diz-me a educadora ao serão.

— Devo-me ter roçado na parede — digo eu, sentindo as faces a ficar cadavéricas e desconjuntando-me como que a tentar ver as costas da minha bata. Com efeito, estavam a pintar as paredes da sala de jantar, uma parede amarela, uma parede azul, duas paredes verdes, e os peitoris das janelas cor de laranja para inventar o sol.

— Não, quem está verde é a ANNE! A sua cara! Não se sente bem?

Mas não tive tempo de saborear o meu primeiro chá de tília; não iria descer o suave declive do outro lado das muralhas, depois da porta. Preferi saltar. Seja como for, estou cá em baixo, não muito longe da estrada, e tenho de chegar lá; era o que faltava, que me apanhassem a dois passos do muro!

O local e a noite onde voltarei a ver Rolande ainda estão longe: primeiro, tenho de arrastar até à estrada este inchaço que me impede de andar... duas vezes, três vezes, tento assentar o calcanhar: o raio acorda, trespassa-me a perna.

Já que os pés são inúteis, vou andar apoiada nos cotovelos e nos joelhos. Rastejo vinte metros, magoo-me nas moitas, volto para as pedras, a tentar orientar-me.

Deve ter decorrido mais um século, não reconheço nada.

O meu tornozelo está imobilizado, pé e perna em ângulo recto; carrego-o como um peso, na vertical, que oscila no meio do cascalho e das garras dos arbustos. A noite é opaca. Lá de cima, durante estes últimos meses, olhava a mata tão próxima da grande estrada e tinha a certeza de me orientar nela de olhos fechados. Nessa altura, os meus projectos não iam ainda tão longe, mas uma tentação constante de saltar e de fugir ia fazendo maquinalmente o seu caminho. E, sorrindo para o bando de raparigas tiritando de frio que rodeava a educadora, apertando no meu bolso a mão de Rolande que lá se insinuara, eu voava a rasar as pedras e elevava-me, uh! uh!, trocista e purificada...

E alcançávamos de novo as luzes, a arrastar os pés. Deixava a mão da minha amiga no meu bolso e remexia no dela, para descobrir, através do tecido, a juntura da articulação, Rolande, sinto o teu osso a mexer... E ríamos às escondidas, e o pavilhão, com a sua iluminação, confiscava os sonhos até ao dia seguinte.

Arrasto-me. Os meus cotovelos tornam-se terrosos, sangro lama, os espinhos picam-me ao acaso das moitas, tenho dores, mas é preciso continuar a avançar, ao menos até àquela luz, lá ao fundo, uma casa que deve estar junto à estrada... entre a luz e eu, há um gradeamento, contra o qual caio: estou bem ali, deitada de costas, com os olhos fechados e os braços frouxos... Se me apanharem a dormir, tanto pior para mim. Pagarei este descanso com submissões, com novas dores. Ia para a terra, e é lá que estou. Talvez o muro caia a seguir a mim e me cubra.

Estou de pé e, apoiando-me nas rótulas, contorno o gradeamento. Um joelho, um cotovelo... está a ir bem, já lhe tomei o jeito. Sonho que recomeço, que vou com todo o vagar: em vez de me atirar à maluca, de começar a descer o muro agarrando-me às pedras e de abrir as mãos logo que o meu pé encontra o vazio, procuro para a minha aterragem uma zona fofa, onde a erva cresce espessa e flexível...

Passo para lá da casa, cujo candeeiro continua a brilhar; avanço encostada à parede, na erva do caminho, cotovelo, joelho, cotovelo... lá está a estrada, reluzente, dividida pela banda amarela. Um painel de metal está colocado no passeio, um anúncio de uma marca de gasolina: agarro-me a ele, fazendo-o tilintar, vou começar aqui a pedir boleia... Não, Paris é na direcção oposta, passemos para o outro lado. O primeiro passo é de ferro ao rubro, o segundo de gelatina, deixo-me cair atravessada sobre a banda amarela, o primeiro que chegar vai atropelar-me... Ei-lo, é um camião: segue no mesmo sentido que eu e levará para Paris pedaços de mim colados nas rodas. Olho para ele, para os seus grandes olhos amarelos. Avança sobre mim.

A poucos metros, o camião desvia-se, galga a berma e pára. Oiço os travões resfolgar, depois a porta bate e passos aproximam-se. Continuo prostrada, de olhos fechados.

— Menina!...

Dedos tocam-me, procuram, hesitantes, inquietos.

Digo:

— Importa-se de me tirar da estrada?... Ampare-me, acho que tenho uma perna partida.

O motorista ajuda-me a ir até ao estribo do camião. Sento-me nele, mantendo o tornozelo na sombra. Não quero olhar. Um candeeiro de rua, ali perto, ilumina o meu pé direito: está terroso, cheio de lama seca em torno das unhas

pretas que sobe em grandes argolas até ao joelho, a perna estriada de escoriações de onde o sangue vai gotejando. Aconchego-me no casaco, com as mãos nos bolsos. Não tenho mais nada vestido e começo a ter frio, um frio que chega ao coração.

— Dá-me um cigarro?

O tipo tira do bolso os seus *Gauloises* e dá-me lume. À luz do fósforo vejo-lhe a cara, a cara que têm os camionistas à noite: a pele brilhante, os pelos da barba que começam a crescer e uma expressão enrugada e fixa.

— O que lhe aconteceu?

— Eu... ora, assim como assim, tanto se me dá. Conhece estes sítios?

— Sim, faça este percurso três vezes por semana.

Aponto para o atalho, onde o farol da prisão é o único ponto de referência numa massa confusa de árvores e de muros.

— Então se calhar sabe o que há ali...

— Eh... Sim. E foi de lá que?...

— Sim, agora mesmo. Enfim, há meia hora, uma hora... Ainda não devem andar à minha procura. Peço-lhe por favor que me leve a Paris. Posso garantir-lhe que não vai ter aborrecimentos. Deixa-me em Paris, que eu depois desvençilho-me.

O homem reflectiu longamente e depois disse:

— Eu estava disposto a ajudá-la, mas... compreende, a sua perna...

— Mesmo assim... Até Paris, não lhe peço mais. Não irei falar nunca de si, seja o que for que acontecer. Acredite.

— Acredito. Mas não vai conseguir impedir nada, «eles» têm meios que nós não temos. Tenho mulher e filhos, não posso.